

## **ECONOMIA SOLIDÁRIA E COOPERATIVISMO NA REGIÃO DE IJUI.<sup>1</sup>**

**Enio Waldir Da Silva<sup>2</sup>.**

<sup>1</sup> Projeto de Extensão tecnológica financiado pelo CNPQ.

<sup>2</sup> Professor Doutor em Sociologia do Mestrado em Direitos Humanos

### **ECONOMIA SOLIDÁRIA E COOPERATIVISMO NA REGIÃO DE IJUI.**

#### **Introdução.**

Este texto discute os conceitos principais envolvido no projeto que visa desenvolver pesquisa e atividades de extensão tecnológica para criar potencialidades para a Incubadora de Economia Solidária e Desenvolvimento Social - ITECSOL/UNIJUI - contribuir com os empreendimentos de economia solidária – Ees - na região noroeste do Rio Grande do Sul. Como um processo que se desenvolverá a partir da universidade essas ações deverão produzir conhecimentos entre alunos, alunos, docentes, agentes sociais, agentes públicos e atores sociais que atuam em setores produtivos populares e técnicos. A temática básica que envolve este projeto é o associativismo, cooperativismo, economia solidária, autogestão, emancipação social e a sustentabilidade.

#### **Metodologia**

A metodologia do projeto é a combinação de Pesquisa Participante com a Incubação de Empreendimento de Economia Solidária. A primeira abordagem metodológica serve para dar a palavra aos atores para que juntos compreendam os objetivos do projeto e contribuam para produção dos entendimentos e a troca de saberes dos diferentes atores envolvidos. A segunda metodologia envolve o próprio processo de afirmação, empoderamento e constituição dos EEs: sensibilização, formação, agrupamento associativo, ações decisórias, ações produtivas e distributivas, ações de avaliação de resultado, replanejamento e replicação de ações bem sucedidas. Neste texto o método é revisão bibliográfica.

#### **Resultados e discussões.**

O Brasil vive um dos momentos mais ricos de sua trajetória de governabilidade democrática que se programa para ampliar a inclusão de pessoas no desenvolvimento social, político, econômico e científico tecnológico. Esta perspectiva desafia a ampliar os conhecimentos dos potenciais que

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XV Jornada de Extensão

possuímos possíveis de desenvolver e outros poderemos fazer emergir e se agregar. As incubadoras universitárias de economia solidária vêm contribuindo significativamente para incluir populações em vulnerabilidade social no desenvolvimento sustentável preconizado pelas lideranças democráticas. No entanto viviam um momento de estagnação desde o ano de 2010. Diversos movimentos foram criados para tentar recuperar suas dimensões de extensão universitária ou prestadora de serviços. As mais de ITCPS - Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares das universidades brasileiras reforçaram seus fóruns nacionais, os congressos, as conferências e os encontros para criar estratégias de ação e para manter financiamentos públicos de suas atividades. No final do ano de 2013 o CNPQ publica edital especial para as incubadoras. A Unijuí obteve aprovação de um projeto e iniciou suas atividades em novembro de 2013. Iniciamos recriando e fortalecendo a equipe multidisciplinar e reposicionando os referenciais teóricos dos temas inerentes e as questões metodológicas dos processos de incubação de EEs. Para isso foi realizados estudos com a equipe e seus mais de 10 bolsistas. Foram destacado os conceitos:

Economia solidária. É um movimento social que agrega as propostas civilizacionais de construção de uma nova plataforma cognitiva organizadora de uma nova estrutura social, um novo modelo de desenvolvimento sustentável social, econômica, política, ecológica e culturalmente. Iniciou nas ansiedades dos excluídos, se direciona a todos que querem diminuir as ansiedades humanas e está para além do existente em termos de Estado, Sociedade Civil, da Tecnologia, do Direito, da Pedagogia etc. que temos hoje, pois reinventa o mundo do trabalho e das relações sociais. Não se trata apenas de criar riquezas a partir dos pobres para os pobres ou de não sermos mais irmão pobre da grande economia. Trata-se de ampliar a cultura de viver juntos, equilibrando iguais e diferentes pela força de solidariedade presente em todos. Acreditamos que se desatarmos nossas inteligências do nó da lucratividade, da competição, do consumismo e da indiferença iniciaremos a viver nossa plenitude humana como seres limitados que precisa sempre do outro, da natureza, da organização social e dos conhecimentos para suprir as necessidades vitais. Querer viver assim não é utopia intelectual e sim entendimentos criados nos processos dialógicos com quem usou de franqueza, sinceridade e buscou no fundo de sua consciência o sentimento humano. Não é próprio da lógica humana querer ver o outro em crise sofrendo e ansioso. Nossa constelação humana deseja a felicidade para si e para os outros, pois quem não se importa com os outros não dá valor a si mesmo. Por natureza, somos solidários. É preciso fazer o encontro das forças solidárias que há em nós e vencer a cultura de concorrência que impregnaram na nossa sociedade. A Economia Solidária é um projeto emancipatório e não se restringe a mitigar os problemas sociais gerados pela globalização neoliberal (Frantz, 2008). Fundamenta-se na cultura da cooperação, da solidariedade e da partilha. Ela rejeita as práticas da competição, da exploração e da lucratividade; rejeita a proposta de mercantilização das pessoas e da natureza, às custas da espoliação do meio ambiente terrestre, contaminando e esgotando os recursos naturais no Norte em troca de zonas de reserva no Sul; confronta-se com a crença de que o mercado é capaz de auto regular para o bem de todos, e que a solidariedade é o melhor modo de relação entre os atores sociais; confronta-se contra a lógica do mercado capitalista que induz à crença de que as necessidades humanas só podem ser satisfeitas sob

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XV Jornada de Extensão

a forma de mercadorias e que elas são oportunidades de lucro privado e de acumulação de capital; afirma a gestão pública e coletiva dos meios e recursos para produzir riqueza de forma sustentável. Nega o sistema em que a grande maioria dos trabalhadores está privada do direito à propriedade e à gestão dos meios e recursos para produzir riquezas a partir dos entendimentos de que os empreendimentos da economia solidária são uma forma pela qual o trabalhador se apodera de uma cidadania ativa em vista da construção de outra cultura econômica e gerencial. Dela é possível emergir geradores de renda e trabalho, as cooperativas de consumo solidário e as cooperativas de crédito solidário, os clubes de troca, as associações sem fins lucrativos, organizações cooperativas que têm dimensão política capaz de produzir novas relações sociais em vista de mudanças na sociedade, agregando formas justas de viver.

A Cooperação é entendida, então, como a existência de interesses e objetivos comuns, a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva de bens, a partilha dos resultados e a responsabilidade solidária. As Cooperativas de trabalho são as formas de ser dos empreendimentos autogestionários dos processos laborais e movimento de produtos feitos pelos trabalhadores organizados. Garante procedimentos democráticos, autonomia responsável, solidariedade ativa, reciprocidade reconhecida e igualdade social. A longa trajetória de experiências socialistas, agricultura familiar e serviços populares urbanos fundamentaram as cooperativas de trabalho para fazerem parte da economia solidária. Por isso não pode ser confundida com as cooperativas do mercado capitalista, onde indivíduos se juntam a fim de lucrarem mais individualmente e a promover privilégios dos bem posicionados dentro das associações. Ao contrário, aqui estas cooperativas promovem a emancipação coletiva dos seus membros e estendem os benefícios do trabalho solidários a outras organizações com as mesmas finalidades. Elas recuperam o sentido socialista do cooperativismo que trata de reunir as sinergias econômicas, sociais, culturais, políticas e ecológicas dos indivíduos para juntos poderem promover o trabalho criativo, a distribuição da qualidade de vida de modo equitativo e o planejamento coletivo da ordem social. Envolve diversos tipos de organização coletiva: empresas autogestionárias ou recuperadas (assumida por trabalhadores); associações comunitárias de produção; redes de produção, comercialização e consumo; grupos informais produtivos de segmentos específicos (mulheres, jovens etc.); clubes de trocas etc. Na maioria dos casos, essas organizações coletivas agregam um conjunto grande de atividades individuais e familiares. A vida em grupo poderia ser considerada a base da cooperação, já que, desta forma, seria possível aprender a cooperar de modo a substituir a dominação e deixar prevalecer o equilíbrio e responsabilidade, agregando valores de colaboração e ajuda mútua. Esta cooperação tem início a partir do momento em que o indivíduo percebe que a produtividade de forma coletiva é mais eficiente e promissora.

Os Empreendimentos de Economia Solidária são compreendidos na economia solidária (ES) como as organizações que, de acordo com critérios do SENAES, apresentam os seguintes componentes e características: a) São organizações coletivas (associações, cooperativas, empresas autogestionárias, grupos de produção, clubes de trocas, etc.), suprafamiliares, cujos sócios(as) são trabalhadores(as) urbanos(as) e rurais. Os que trabalham no empreendimento são, na sua quase totalidade,

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XV Jornada de Extensão

proprietários/as ou co-proprietários/as, exercendo a gestão coletiva das atividades e da alocação dos seus resultados; b) São organizações permanentes (não são práticas eventuais). Além dos empreendimentos que já se encontram implantados, em operação, deve-se incluir os empreendimentos em processo de implantação, quando o grupo de participantes já estiver constituído e definido sua atividade econômica; c) São organizações que podem dispor ou não de registro legal, prevalecendo a existência real e a vida regular da organização; d) São organizações que realizam atividades econômicas de produção de bens, de prestação de serviços, de fundos de créditos (incluindo-se as cooperativas de créditos e os fundos rotativos populares administrados pelos próprios sócios/as trabalhadores/as) e de consumo solidário. As atividades econômicas devem ser permanentes ou principais, ou seja, a “razão de ser” da organização; e) São organizações econômicas singulares ou complexas, ou seja, deverão ser consideradas as organizações de diferentes graus ou níveis, desde que cumpridas as características acima identificadas. As organizações econômicas complexas são as centrais de associações ou de cooperativas, complexos cooperativos, redes de empreendimentos e similares (SENAES, 2004, p. 8). (BASSO, 2012).

A Tecnologia social é um novo conhecimento, um conhecimento diferenciado porque foi produzido de modo coletivo por atores diferentes, escolares e extraescolares, cruzando entendimentos como uma rede que não prende, mas emancipa pela liberdade concreta. Pode ser chamado de tecnologia social no seguinte sentido: significa um conjunto de procedimentos racionais preparados para a geração de trabalho e renda, que são basilares para promover o desenvolvimento sustentável - econômica, social, política e naturalmente. Desenvolve-se no seio de uma sociedade e não se desloca de sua dinâmica, promovendo a inclusão e tendo caráter popular. Ou seja, como tecnologia social, a economia solidária compreende produtos, técnicas ou metodologias replicáveis, desenvolvidos na interação dos coletivos e que representam soluções efetivas de problemas pela perspectiva de transformação social e qualidade de vida, como diz Neto (2010): Tecnologias desenvolvidas pelos próprios agentes sociais que as utilizam em seu trabalho, sem respaldos institucionais significativos, geralmente demandando intenso trabalho, podem ser classificadas como tecnologia social e precisam ser entendidas em sua relação dos grupos diretamente atingidos por ela e dos efeitos econômicos, sociais e ambientais decorrentes de sua utilização. O sentido de tecnologia, aqui referido, não se insere naquilo que é comumente chamado de efeito da ciência técnica em si. Estamos falando de ressignificação dos processos de democratização da cognição em suas interfaces com processos inclusivos, cuja base é a metodologia de trabalho de grupos combinando processos autogestionários e cooperativos que fortalecem capacidades e iniciativas em setores sociais.

A Autogestão: os/as participantes das organizações exercitam as práticas participativas de autogestão dos processos de trabalho, das definições estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, da direção e coordenação das ações nos seus diversos graus e interesses, etc. Os apoios externos, de assistência técnica e gerencial, de capacitação e assessoria não devem substituir nem impedir o protagonismo dos verdadeiros sujeitos da ação. Para Singer (2002, p.16) “talvez a principal

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XV Jornada de Extensão

diferença entre economia capitalista e solidária seja o modo como as empresas são administradas”. Essa autogestão necessita que todos cumpram as tarefas a seu cargo e ainda se preocupem com os problemas gerais da empresa. E necessita mais ainda, dos interesses dos sócios, Singer (2002, p.19) nos fala que “o maior inimigo da autogestão é o desinteresse dos sócios, sua recusa ao esforço adicional que a prática democrática exige”. Ao exercer a autogestão, em conjunto com os outros, o indivíduo tem a oportunidade de educação e conscientização, tornando-se mais realizado, autoconfiante e seguro.

A Sustentabilidade - A economia solidária já se constitui em algumas repostas e, quando pensada junto à ideia de desenvolvimento, pressupõe-se entender que a sustentabilidade terá que ter por base as vivências sociais, econômicas, culturais, políticas e ecológicas. Entendemos a sustentabilidade em cinco dimensões: social, política, econômica, cultural e ecológica. Social, por tratar-se de sustentar as vidas em suas relações sociais, garantindo tratamentos mais humanos entre os membros da família; Política, pois sustenta a dinâmica de poder no interior das convivências de forma a garantir a participação de todos na responsabilidade de administrar a renda e, inclusive, de visualizar a importância do Estado Democrático na garantia dos direitos sociais, e ao mesmo tempo suscitar a consciência de responsabilidade dos indivíduos para buscar a ampliação das capacidades de autonomia e emancipação; Econômica, refere-se à sustentação de renda de fato, que proporciona o fortalecimento da capacidade de busca de trabalho, pois, sem satisfazer esta ansiedade básica com o alimento, fica muito mais difícil o indivíduo desempenhar ações de trabalho para sustentar outras necessidades; Cultural, no sentido de promover motivações racionais para fortalecer capacidades cognitivas na educação escolar dos indivíduos jovens e adultos. Esta sustentabilidade é fundamental no próprio quadro normativo do Programa Bolsa Família, uma vez que a escola é a fotossíntese da boa civilização, pois objetiva garantir que se aprenda as forças simbólicas, orientadoras de ações criativas de mundos alternativos, os princípios de justiça universal e as forças das ciências para promover as vivências; Ecológicas por incidir sobre a melhoria do ambiente de viver, a limpeza da casa, dos pátios e por despertar entendimentos sobre a ética sobre a terra, a água, o ar e a energia tão necessárias para manter a saúde das pessoas, sintetizadas pela segurança alimentar.

Educação Popular- A educação é fenômeno primordial e básico da vida humana. Ações de economia solidária são substantivadas por uma concepção popular emancipadora de educação que reconhece o potencial criativo de grupos e movimentos sociais que, de modo digno, buscam satisfazer as condições básicas da vida, das quais se acham excluídos, mas com direito de por elas lutar. Paulo Freire, segundo Moacir Gadotti, “educador de outros mundos possíveis” centrou seus estudos e práticas de vida na senda da educação popular entendendo que suas características são o respeito e consideração da diversidade, do direito ao saber universal sem deixar de validar o saber construído no cotidiano dos grupos excluídos. Paulo Freire, segundo Moacir Gadotti, “educador de outros mundos possíveis” centrou seus estudos e práticas de vida na senda da educação popular entendendo que suas características são o respeito e consideração da diversidade, do direito ao saber universal sem deixar de validar o saber construído no cotidiano dos grupos excluídos. Destaca-se

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XV Jornada de Extensão

aqui que aprender o comércio justo garante intercâmbios equitativos de produção, distribuição e consumo diante da perspectiva de sustentabilidade para um desenvolvimento social justo. Embora, em um primeiro momento atinja os empobrecidos e excluído do sistema capitalista este processo de dispor os produtos com qualidade ecológica beneficia a todos. Por isso, cabe também aqui as estratégias comunicativas e de logísticas para criar consumidores solidários, o que, de certa forma, compete com os marketings poderosos das empresas capitalistas. Os produtores responsáveis e os consumidores éticos deveriam se relacionar de modo mais profundo para formar uma cultura colaborativa promotora da inclusão social, não no mercado capitalista, mas nas experiências novas de viverem bem solidariamente. Comércio justo envolve cooperação, parceria e mutualismo entre fornecedores e compradores locais e globais, cuja a base é o trabalho construtor da economia justa, porque solidária. Dentro do movimento da economia solidária o comércio justo é uma constelação tão importante que em muitos casos se torna ele mesmo a própria força do movimento, pois há necessidade de integrar aos esforços emancipatórios de outros movimentos sociais como os ecologistas, os sem-terra, etc. e ao mesmo tempo responder pela expressões financeiras de bancos solidários, moeda social, serviços de proximidades, reciclagens de resíduos sólidos e, acima de tudo, inserir-se na luta pela afirmação da democracia participativa e da cidadania ampliada, base de uma educação de qualidade a ao longo da vida, quando o aprender é viver juntos aprender a conhecer, aprender a fazer, o aprender a ser, cada vez mais imprescindível para a transformação social, exige de todos nós grande capacidade de autonomia e de discernimento, juntamente com o reforço da responsabilidade pessoal, na realização de um destino coletivo.

## CONCLUSÕES

As ações deste projeto atinge, de forma indireta, um público vasto impossíveis de serem detectados. Diretamente, no entanto, teremos estudantes universitários da graduação, da pós-graduação, dos mestrados e do doutorado envolvidos com o tema. Também atinge alunos do ensino médio e do fundamental, pois em vários momentos estamos acompanhando estes alunos em visitas aos empreendimentos, bem como, os membros destes vão às escolas participar de palestras sobre suas atividades. De outra parte, atinge também professores pesquisadores dos diversos departamentos, professores extensionista e técnicos, agentes sociais, agentes públicos, governantes e apoiadores. No foco central será Agricultores Familiares, Trabalhadores da Reciclagem (Catadores), FECONSOL - Feira de Economia Solidária, Grupo de Artesãos, Grupo de costureiras, carpinteiros, jardineiros, operários da construção civil e outros. A economia solidária trabalhada para estes grupos significa a defesa de uma nova posturas sobre a cultura, a sociedade, a natureza, e o trabalho. Da cultura se exige saberes edificantes, plurais, multiculturais e emancipatórios (libertários). Da sociedade se exige relações sociais solidárias, responsáveis e participativas. Da natureza se quer a saúde da terra, do ar, da água e da energia e do trabalho se quer a defesa da dignidade da produção coletiva e distribuição coletiva, usando de tecnologia social para gerar renda

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XV Jornada de Extensão

digna e dignidade para com a renda. Ou seja, a cultura pede democratização da cognicidade, a sociedade solicita a solidariedade, a natureza exige a sustentabilidade e trabalho busca a dignidade. Palavras-Chave. Economia solidária, autogestão, cooperação, sustentabilidade, tecnologia social.

Referencias.

BASSO Lauri, Bizolla, MariaM. B. e ENDERLI, Stela M. Informações Contábeis em Entidades Sem Fins Lucrativos. In. Cadernos Pedagógicos. Curso para agentes do Governo do Estado RS. 2012.

SILVA, Enio Waldir e FRANTZ, Walter. As funções sociais da Universidade – A questão da extensão. Ijuí/RS: Editora Unijui, 2005.

SILVA, Enio Waldir. Projeto de Extensão tecnológica – Economia Solidária e cooperativismo na região de Ijuí. Unijuí. Acesso [www.unijui.edu.br](http://www.unijui.edu.br).

SINGER, Paul. Introdução à Economia solidária. 1. ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2002